

Crise diplomática ainda é problema em Londres

Thatcher continua tentando amenizar atritos com alemães e franceses

LONDRES — Zélia Cardoso de Mello encontrou a primeira-ministra Margaret Thatcher ainda às voltas com a crise diplomática e política provocada pelas declarações do então ministro do Comércio e Indústria, Nicholas Ridley, semana passada. Ele acusou a Alemanha Ocidental de estar encampando a Comunidade Econômica Europeia, com o vigor da sua economia, e magoou também os franceses, numa entrevista concedida à revista *Spectator*, ao dizer que se comportam como “cachorrinhos de estimação” dos alemães.

Horas antes da visita da ministra da Economia a Downing Street, no final da tarde, o governo havia anunciado a sua decisão de investigar, formalmente, o vazamento para o jornal *Independent on Sunday* de um documento tido como confidencial, resumindo as conclusões de um seminário sobre o caráter e o comportamento dos alemães.

Embora realizado em março, na residência de campo dos primeiros-ministros britânicos, em Chequers, a imprensa não havia ouvido falar do seminário, que reuniu historiadores e especialistas e serviu para dar às autoridades do governo uma visão mais clara do que seria a reunificação das Alemanhas.

No documento de circulação restrita, redigido pelo assessor de Thatcher para questões de política externa, Charles Powell, e publicado simultaneamente pelo semanário *Der Spiegel*, da Alemanha Ocidental, os alemães são adjetivados de “agressivos”, “arro-

gantes”, “egoístas”, “sentimentais” e teriam ainda complexo de inferioridade. Mas, apesar destas características, os participantes do seminário concluíram que o governo nada tinha a temer da unificação alemã. O que se ouviu de políticos, em Londres, e entre os membros da Comunidade Europeia, em Bruxelas, é que se fosse outra a situação, e a Grã-Bretanha não tivesse demonstrado tanta animosidade em relação aos projetos da comissão europeia, ao “Plano Delors”, a divulgação do documento provocaria pouco ou mesmo nenhum impacto. O fato de o governo britânico procurar se informar melhor sobre as características do povo alemão, num momento em que a unifica-

Declarações de ex-ministro deram munição à oposição trabalhista

ção europeia começa a tornar-se realidade, seria considerado um gesto de precaução perfeitamente natural.

Da maneira como aconteceu, depois da entrevista do ex-ministro Nicholas Ridley, e juntamente com os resultados de pesquisas para se saber quem gosta e quem não gosta dos alemães, na ilha, o documento contribuiu para deixar Margaret Thatcher numa situação ainda mais estranha.

O episódio envolvendo o ministro do Comércio e Indústria deu também aos líderes dos partidos da oposição, sobretudo a Neil Kinnock, do Partido Trabalhista, munição para atacar a posição da dama de ferro e a maneira como ela comportou-se na questão. Kinnock disse, nos EUA, que

Thatcher deveria ter demonstrado a sua liderança e demitido Nicholas Ridley no dia em que a entrevista foi publicada, ou, então, no sábado, quando ele retornou da Hungria, e não esperar pela sua renúncia. Da maneira como agiu, ficou evidente que ela também acredita no que o ministro disse.

“O episódio — acrescentou Kinnock — revelou profundas fissuras e deficiências no governo britânico.”

Mesmo acossada e consciente das dificuldades criadas para a Grã-Bretanha em relação aos demais membros da comunidade europeia, Thatcher não se deixou abater. Domingo, enquanto o Chanceler Douglas Hurd embarcava para Bruxelas — e de lá para Paris —, ela voltou a repetir que é contrária aos planos da comissão europeia de criar uma moeda única para os 12 países da comunidade e, futuramente, um banco central também único.

A proposta britânica de criação de uma moeda europeia, que serviria para o turismo e o comércio e circularia paralelamente com as moedas nacionais, foi recebida de maneira fria não só na comissão europeia, mas encontrou resistência dentro do próprio Partido Conservador. O governador do Banco da Inglaterra aprovou a idéia, mas políticos como o ex-primeiro-ministro Edward Heath acham que melhor seria mesmo acompanhar o passo da Alemanha, França e Itália, e aceitar a moeda única como um benefício. Ao invés de resistir ao que a maioria da comunidade acha que é certo e deve ser feito, a Grã-Bretanha deveria colaborar e preparar-se para tirar o melhor proveito possível da futura Europa, do mercado de 342 milhões de consumidores e usuários de serviços.